

CARTA ABERTA PARA UMA PUTA DE MINHA JUVENTUDE

**CAMILA SOSA
VILLADA**

CADERNO DE LEITURAS

N.128

**TRADUÇÃO DE
FLORÊNCIA GUZZETTI E
THIAGO PANINI PRIMOLAN**

NOTA DA EDITORA

Carta abierta para una puta de mi juventud é uma carta-crônica assinada por Camila Sosa Villada, publicada em 2019, na sessão *Crónica Introspectiva*, do site da *Revista Orsai*, de Buenos Aires, Argentina. A carta em espanhol e um arquivo de áudio com a leitura da autora estão disponíveis em: <https://revistaorsai.com/carta-para-una-puta-de-mi-juventud/>

CARTA ABERTA PARA UMA PUTA DE MINHA JUVENTUDE

Camila Sosa Villada

Irmã, doce puta da juventude, companheira de parques e muros: hoje me lembrei de você, enquanto preparava um chá com leite ao calor do fogão sempre aceso no inverno. Logo se vê, ainda sou pobre. Não sei se você se recordará de mim, se terá voltado a pensar em mim. Já não sei quantos anos os teus filhos terão. Que imbecil devo ter sido na primeira vez em que te vi, grávida e atendendo a clientes solitários de bicicleta, que te gritei:

— Mi'a filha! Fazendo caridade com uma barriga dessas?

E você se riu toda com seu cabelo liso caindo sobre as costas cheias de mato, porque às vezes você ia até o meio do parque atender seus clientes e eles nunca valorizavam a relva no teu cabelo, nem o cheiro de mata na tua roupa. Eles nunca valorizavam nada, essa é a verdade. Nem os clientes nem os homens que às vezes nos esperavam em casa.

Você já sabe, nessa época eu também tinha um galã que me esperava do outro lado das grades da minha sacada. E eu chegava com dinheiro fácil, que nunca era suficiente. Éramos quase da mesma idade, você um pouco mais velha do que eu, não se ofenda se desnudo o teu coquetismo.

Que idade têm os teus filhos? Mas se quase os vimos nascer! Imagine o presépio, cheio de travestis e putas recebendo os frutos do teu ventre no (agora tão bem iluminado) Parque Sarmiento. Que nomes você colocou neles? Eram gêmeos mesmo? Mentiam que chegavam a qualquer momento, mas você sempre tinha um resto para atender a outro e mais outro cliente. Irmã, isso era admirável.

Nunca soubemos onde foi parar o nosso dinheiro. Porque precisava ver que jeito para abrir braguilhas! Era uma festa. A festa da abundância, nosso banquete secreto, braguilhas se abrindo, carteiras se queixando. Mas nunca conseguimos mais que o suficiente para as compras do dia. Por que terá sido assim? Éramos as mais baratas. Eu porque não tinha tetas, você porque era mulher. As travestis, *as rainhas*, elas todas reconstituídas, com peitos por toda parte, elas eram enormes peitos que sabiam o quanto se devia cobrar.

Você sabe algo da Gabriela? A loira que corria com saltos de acrílico quando víamos o cara da 4ª DP com as suas luzes. Todas desaparecíamos no coração do parque. O certo é que nessas noites em que compartilhávamos um cantil de uísque para acalmar o frio e subíamos nesses carros que nunca seriam nossos, e cavalgávamos sobre maridos que nunca seriam nossos, e esperávamos que algum deles nos estendesse uma mão ou uma gorjeta generosa, eu sempre pensava: todas são minhas amigas.

— Diga que você está trotando — me gritavam, e então eu peguei gosto pela maratona. Que jeito para correr e com que desespero!

E a vez em que o policial me mostrou a identificação depois que eu lhe fiz um serviço memorável? E me disse “agora tenho que te levar” e eu retruquei, com toda minha retórica e todos meus medos, que não me

restava outra opção... Não sei se souberam que o sujeito me levou até minha casa depois e pediu meu telefone. Mas nunca me ligou.

Também não te perguntei pela ruiva, a trava que media uns dez metros, que vivia tossindo porque o bichinho já a tinha picado. Uma vez cruzei com ela na rua, vinha com sacolas de supermercado. Perguntei-lhe o que ia cozinhar e ela me disse que era churrasco. E me mostrou toda a vaca fragmentada dentro das sacolas. Tinha umas mãos de ouro, nunca vi mãos mais bonitas, nem tão grandes.

Quantas éramos no total? Cinco, às vezes se juntava a louca dos cachorros, a que vivia em uma barraca com seus cachorrinhos, que tinha sido psicóloga e compartilhava suas empanadas conosco. Puta merda, cara, pensar nela me faz chorar. A mais mendiga nos trazia o rango.

Me perdoa se te mando esta carta agora, depois de dez anos, sem muito para te contar. Você tinha me visto na tevê, me contou essa vez em que nos vimos no parque e eu ia correndo e você me perguntou por que estava de volta e eu te disse: a estas pistas eu não volto mais. Nunca me haviam dado um abraço tão lindo. Você estava grávida outra vez, mas nem por isso deixava de sorrir, nem de acariciar a própria barriga sempre que o trânsito diminuía. Que sujeitos de merda, por sinal. Não nos viram nunca. Eu às vezes me pergunto se algum deles terá memória suficiente para se lembrar de mim e me ver agora tão bem-vestida e viajando de avião.

Uma vez, quando estreou *Mía*, do Javier Van de Couter, um cara me mandou um e-mail dizendo: “Pensar que antes pagava dez pesos para que você me chupasse e agora tenho que pagar para te ver no cinema”. Isso é arte, caralho! Como o teu modo de acariciar os oito meses de pirralho que você carregava dentro na última vez em que te vi.

Que selvagens fomos, companheira. Tenho ainda o par de brincos que você me deu para que eu os guardasse porque estavam te infectando a orelha. São um enorme amuleto. Eu os conservo para jamais me esquecer de você, porque isso sim seria imperdoável.

Quando vou trotar no parque, agora com a bundinha firme e a barriga cheia de comida saudável, sempre te busco com o olhar, mas desde aquela última vez não te vi mais. E pensei: “Terá subido no carro errado?” Acho que não... saberia disso pelos noticiários. Apesar de que os noticiários nunca contam quando nós, as putas, subimos nos carros errados. Nem quando vamos ao apartamento errado. Nem a quantidade de vezes que nos pagaram com dinheiro falso. Esses crimes ficam lá, à beira do selvagem, por onde sempre andamos e de onde custa tanto escapar.

Angie Desirée e seu sabonete com uma gilete dentro podem te dizer. Sem dúvida terá retalhado bem camisas de marca e bracinhos de rapazes bem-nascidos. Ninguém fazia mal a ela nem lhe vendia gato por lebre. Uma vez me convidou para comer na sua casa em Alta Gracia. Nas janelas ela tinha vasos cheios de flores. Fez uma comida não tão gostosa, mas nem por isso menos nobre. Havia colocado silicone líquido nos quadris e um lado tinha ficado mais alto que o outro, mas ela ria de si mesma e te dizia “toca, toca”, e te servia um pouco mais desses macarrões passados do ponto, com esses molhos insalubres cheios de carne moída. Não sei se te incomoda que eu te fale dela. Eu sei que vocês tinham tido problemas por causa de um cara, um desses clientes amorosos, que não deixa de ser cliente.

Não sei que nome você terá colocado nos teus filhos. Já te perguntei? Eu gosto de saber o nome das pessoas, essa carta de apresentação. Só

o nome já te diz tudo sobre o outro. Teu nome era doce, como mastigar uma flor silvestre. Só não o digo porque não quero que ninguém saiba como se chamava a puta mais doce entre todas as putas. A única que me mandava mensagens quando eu não aparecia no trabalho. Como estava, se necessitava de algo, o que estava fazendo.

Me dava vergonha ser o que éramos. Mas hoje olho com nostalgia aqueles anos de juventude. Acreditar era tão fácil. Hoje já não acredito em nada, ou em quase nada, pareço uma velha esquecida, ainda que busque a credulidade de que era capaz há alguns anos e que era imensa, e então me invade uma vontade de não ter perdido a inocência...

Por que terei perdido a inocência, companheira? Terá sido Sebastián? Já faz dois anos que não sei nada dele. Casou-se, teve uma filha, os sogros lhe deram uma casa. A última vez que o vi, no entanto, estava triste. Gostava mais dele na nossa época, lembra quando ele foi me buscar no parque e todas urinaram nas calças por causa de suas olheiras e seu um metro e noventa? Nesse dia ele disse que me amava, e depois desapareceu. Tanto medo que presenciamos. Tanto medo que sentimos.

Você sente medo alguma vez? Eu vivo horrorizada, quanto mais velha, mais idiota.

Companheira, penso em uma manhã com teus filhos, com você, no teu querido bairro Yofre, e me dá vontade de rir às gargalhadas. Talvez já nem nos entendêssemos, quando eu fosse embora da tua casa, talvez nós duas pensássemos que a vida nos transformou demais, e isso seria verdade.

Mas as cordas são sempre as mesmas, e te garanto que não estão desafinadas. Posso tocar a mesma canção contigo que há dez anos,

doze anos. Quando me escondia atrás das árvores para que nenhum conhecido me visse.

Ainda te amo, essa é a verdade. E amo as outras: Gabriela, Angie Desirée e a ruiva que sempre terminava esbofeteando algum cliente. Mas com você, não sei, sempre fomos irmãs, sempre fomos as que não tinham salto alto. Sempre ficávamos pouco tempo. As putas do parque. Irmã, companheira, o tempo também passou por cima de você? Eu vejo em mim novas rugas a cada dia, e me custa mais tirar a roupa dignamente, menos mal que a luz nos brinde com a penumbra.

Gostaria de te contar algo diferente, mas a verdade é que também continuo sendo melancólica, meu cabelo continua enlouquecendo nos dias de umidade, continuo sendo nostálgica e chorona. Continuo sozinha, esperando de mim algo que não sei se serei capaz de me dar algum dia. Mas, à minha janela, quando atiro migalhas na sacada, os pássaros vêm e me fazem companhia. Outro dia uma entrou em casa e levei um tremendo susto. Sai e a deixei sozinha. Cagou sobre a escrivaninha, mas, quando voltei, já não estava.

Bom, companheira, é domingo, são duas da tarde e continuo na cama. Não sei o que me deu nesta manhã para escrever.

Pescadora de homens, sereia fosforescente, cabelo com cheiro de relva – amaldiçoo os dias que nos viram chorar pela pobreza e pela ignorância, e os anos de pobreza e ignorância que pesavam sobre os nossos ombros, e que nos faziam acabar nesse parque agora iluminado. Agora convertido em um ambiente familiar.

Vou te deixar, tenho que cozinhar algo. Talvez à tarde, com um amigo, eu vá ao teatro. Você não está presente, é verdade, mas veja que bons

amigos eu soube arranjar. Quando você ler isto, nesta tarde, repare no chumbo do céu entristecendo a cidade e pense que alguém te abraça com a memória.

Caderno de Leituras n.128

Carta aberta para uma puta de minha juventude

Carta abierta para una puta de mi juventud

Camila Sosa Villada

Edição

Maria Carolina Fenati

Tradução

Florência Guzzetti

Thiago Panini Primolan

Revisão da tradução

Gabriela Albuquerque

Revisão

Andrea Stahel

Projeto gráfico

Rita Davis

Coordenação da edição

Luísa Rabello

Maria Carolina Fenati

Composto em Stenciletta e GT America

Edições Chão da Feira

Belo Horizonte, junho de 2021

Esta e outras publicações da editora estão

disponíveis em www.chaodafeira.com

Este projeto foi realizado com recursos
da Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte

Realização



Incentivo



CULTURA



**PREFEITURA
BELO HORIZONTE**

GOVERNANDO PARA QUEM PRECISA